

PROTAGONISTAS DO CAMPO HISTÓRICO EM MATO GROSSO DO SUL: EM BUSCA DOS SUJEITOS DA HISTÓRIA (1968-1978)

PROTAGONISTS OF THE HISTORICAL FIELD IN MATO GROSSO DO SUL: IN SEARCH OF THE SUBJECTS OF HISTORY (1968- 1978)

Tiago Alinor Hoissa Benfica¹

Endereço: Faculdade FASIPE, Av. Magda de C. Pissinatti, 69 -
Residencial Florença, Sinop – MT.
E-mail: tiagoalinor@gmail.com

Resumo: Analisa-se a trajetória de historiadores que se destacaram na Universidade Estadual de Mato Grosso, durante a década de 1970, que corresponde a atual Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Observou-se a importância da sensibilidade para a motivação dos projetos intelectuais e para o empoderamento institucional. Nesse período, esboçam-se os primeiros trabalhos em história regional, fruto de iniciativas espontâneas e da consolidação do sistema de pós-graduação no Brasil. Entrevistas orais foram as principais fontes selecionadas para o artigo.

Palavras-chave: Historiografia; Sociabilidade; História intelectual.

Abstract: Analyzes the trajectory of historians who have excelled at the Universidade Estadual de Mato Grosso, during the 1970s, which is the current Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. It was noted the importance of sensitivity to the motivation of intellectual projects and institutional empowerment. In this period, the first works in regional history are sketched, result of spontaneous initiatives and the consolidation of the postgraduate system in Brazil. Oral interviews were the main sources selected for this article.

Keywords: Historiography; Sociability; Intellectual history.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Introdução

O surgimento do campo histórico acadêmico,² no sul do antigo estado de Mato Grosso, foi estimulado pelas políticas de expansão e reforma dos sistemas de ensino no Brasil. A fase de criação e implantação do sistema universitário no estado, de 1968 a 1971, insere-se no período do “milagre econômico” do regime militar, que corresponde de 1967 a 1973.³ Antes de 1968, havia poucos cursos de nível superior em Cuiabá e em Campo Grande. Para o sucesso desse sistema, Mato Grosso se aproveitou do período de otimismo para os negócios – após a recessão imposta pelos militares –, que no estado foi estimulado pelos subsídios do governo federal para a modernização e expansão da agricultura. No campo político, foi uma época de arrojadas iniciativas, do empenho notável de agentes institucionais, e de grandes investimentos para a construção dos prédios da Universidade Estadual de Mato Grosso/UEMT.

O campo histórico⁴ começou a tomar feições profissionais quando passou a existir enquanto corpo disciplinar no ensino superior, abrigado pela UEMT, representado pelo conhecimento profissionalizante da área de História nos cursos de licenciatura plena em História – em Corumbá e em Três Lagoas – e de licenciatura curta em Estudos Sociais – em Dourados e em Aquidauana. O primeiro curso de História foi implantado em Corumbá, município mais antigo da então região sul de Mato Grosso, a partir do início das atividades do Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá/ISPC, no ano de 1968. Na virada da década, o campo se expandiu para as cidades de Três Lagoas, com a viabilização do curso de História no Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas/ICHLT, no ano de 1970, e a dos cursos de Estudos Sociais em Dourados e em Aquidauana, no ano de 1971⁵. Nessas cidades foram criados os Centros Pedagógicos da UEMT, após o início do funcionamento da Reitoria da Universidade, em 1970, congregando os Institutos isolados de Corumbá e de Três Lagoas. Os cursos eram de licenciatura, criados para reproduzir mão de obra, a fim de suprir as escolas do estado com professores habilitados de acordo com as exigências da legislação, no contexto de modernização do discurso pedagógico, representada pelo espírito da lei

2 Este texto é parte das preocupações abordadas na tese de doutorado em História intitulada História e Universidade. Uma delas derivou dos esforços para se oferecer um cenário do contexto histórico, o que enveredou a forma da narrativa para o estruturalismo. Esse estilo explicativo não foi suficiente para contemplar o papel desempenhado pelo sujeito. Durante o processo de coleta de informações para a pesquisa, a perspectiva de que alguns sujeitos se destacavam dos demais, e por isso foram denominados de agentes, era ressaltada pelos próprios contemporâneos quando, por exemplo, faziam anedotas de certos personagens, às vezes elogiosas e outras não. As fontes principais que o trabalho se serviu são oriundas dos Arquivos Institucionais de unidades da UFMS e da UFGD e entrevistas orais com professores aposentados da UEMT/UFMS. Para maiores informações, consultar a obra: BENFICA, Tiago Alinor H. História e universidade: a institucionalização do campo histórico na Universidade Estadual de Mato Grosso/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1968-1990). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

3 LUNA, Francisco V.; KLEIN, Hebert S. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. S. A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964. Rio e Janeiro: Zahar, 2014, p. 95.

4 A categoria campo refere-se à construção e à manutenção de um “espaço de posições” e de disposições formalmente homólogas e imbricadas umas nas outras. Ou seja, a primeira acepção da palavra campo é espaço, que precisa ser delimitado e produtivo para garantir a continuidade mediante disputas que ele suscita. BOURDIEU, Pierre. Homo academicus. Trad. Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. 2a ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.

5 No mesmo ano, em Campo Grande, na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras/FADAFI, instituição confessional, pertencente aos padres salesianos, iniciaram-se as atividades do curso de História, hoje pertencente à Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

5.692/71.

Valmir Corrêa, Joana Neves e Wilson Biasotto são os protagonistas desse texto, por terem sido os professores de História que mais se destacaram na UEMT, por deixarem marcas na historiografia e/ou na expansão do campo histórico no ensino superior. Os traços da identidade desses professores estavam ligados a algum tipo de crença que os incumbiam a serem agentes transformadores, impulsionados por projetos intelectuais traçados durante o caminhar da vida profissional e pela sociabilidade e pela vida afetiva, aspecto este que foi privilegiado neste trabalho.

Em cada local institucional, manifestavam-se generalidades e particularidades, em que a estrutura disponibilizada pela Instituição e a figuração⁶ forjada nos Centros Pedagógicos que abrigavam o campo imprimiam dinâmica própria. No contexto abordado, a pesquisa histórica profissional só poderia florescer onde houvesse investimento financeiro, o que iria ocorrer na universidade pública, na medida em que os agentes do campo argumentassem uma demanda para tal. A vitalidade do campo histórico passava, necessariamente, pelo desenvolvimento da pesquisa, alavancada pela expansão dos programas de pós-graduação situados, sobretudo, no estado de São Paulo.

Os protagonistas do campo histórico

A primeira tarefa dos agentes do campo histórico era, basicamente, a de criar condições para o funcionamento dos cursos e, nos momentos de crise – que na maioria das vezes estava ligada à diminuta procura pelos candidatos ao curso de História –, justificar a própria existência. Dessa maneira, a condição para o funcionamento do campo histórico era a presença de professores e de alunos nos cursos de História ou de Estudos Sociais: uma vez que a infraestrutura e os recursos mínimos para o funcionamento poderiam ser improvisados. O ensino era a condição para abrigar o campo histórico na Universidade. No entanto, eram as atividades de pesquisa que animavam os agentes mais inventivos, sejam elas espontâneas ou institucionalizadas; ser pesquisador ainda era símbolo de distinção entre os docentes, mesmo em uma terra em que ser professor já lhes concedia tal destaque, isso, em uma época em que formados em História, residentes no Mato Grosso, eram raros.

O corpo docente de professores de História – do qual alguns se tornariam historiadores – possuía, no momento em que adentrou ao ensino superior, apenas o diploma de licenciatura plena, quando muito um curso de especialização. A quase

6 O conceito de figuração é bastante utilizado por Norbert Elias. Ele designa as relações próprias que os seres humanos fazem ao interagir com alguém em um determinado espaço, desenvolvendo características próprias nesse convívio e influenciando-se mutuamente.

totalidade dos professores que trabalhou nos primeiros anos dos cursos havia se formado em universidades públicas do estado de São Paulo, e, por isso, pode-se dizer que o campo histórico acadêmico do sul de Mato Grosso foi “colonizado” por paulistas. As ações de alguns docentes lembram a dos verdadeiros bandeirantes, pois devassaram aquele rincão, antes ocupado por uma historiografia não profissional, limpavam o terreno para a semeadura e arregimentaram mão de obra para auxiliá-los no “trabalho pesado” de arquivo, sempre que possível – os próprios alunos.

À medida que os cursos se estruturavam, em cada uma das quatro cidades contempladas com um Centro Pedagógico da UEMT, um nome passava a ser referência local, respectivamente: Valmir Batista Corrêa, em Corumbá; Joana Neves, em Aquidauana; Wilson Biasotto, em Dourados; Germano Molinari Filho, em Três Lagoas. Durante a década de 1970, momento inaugural da pesquisa histórica acadêmica⁷ no sul de Mato Grosso, desses nomes, dois sobressaíam-se no campo histórico: Valmir Corrêa e Joana Neves. Ambos fizeram a graduação em História na capital de São Paulo; ele na PUC, ela na USP; e também tiveram dissabores com a repressão da ditadura militar. Todos os professores foram influenciados pela historiografia marxista, porém, mas isso se tornava mais evidente ao longo da carreira, após a graduação; acrescentem-se ainda, as influências do que se poderia chamar de “escola” metódica e a dos *Annales*; no entanto, o maior efeito do marxismo é sentido entre os egressos da PUC, ao menos na virada da década de 1960.

Em Três Lagoas, nos “anos setenta”, as ações desenvolvidas no campo histórico foram tímidas, ficando praticamente restritas à formação de professores de História e de Estudos Sociais; foi também o local que menos se contou com o apoio institucional para a ampliação das atividades do campo. Em Dourados, o campo histórico oscilou, positivamente, com a abertura, incomum, do curso de História, em 1973 – pois a tendência era a de estimular a criação dos cursos de Estudos Sociais e a habilitação em História passa a ser oferecida na modalidade de complementação daquele curso –, e sua queda: a suspensão no concurso vestibular, por falta de alunos, em 1978. Há de se dizer que, o curso de Estudos Sociais, em toda a UEMT, atraía mais clientela do que o curso de História ou de Geografia, por ser uma licenciatura curta, o que demandava menos tempo para a obtenção do diploma e para o ingresso no mercado de trabalho educacional. Já em Corumbá e em Aquidauana – respectivamente, o Centro Pedagógico mais velho e o mais novo –, as condições institucionais foram melhores, fornecidas por agentes virtuosos e com poder na estrutura hierárquica da Universidade, contribuindo para a emergência de uma figuração mais dinâmica, durante certo momento, até a Fortuna⁸ apresentar outro temperamento.

7 Até a década de 1970, a principal instituição que agregava eruditos e diletantes do passado mato-grossense era o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHMT/IHGMT). A historiografia produzida pelos membros do IHMT/IHGMT, antes de ser combatida, proporcionou importantes referências para o empreendimento de novas pesquisas, cujos objetos seriam devassados pelo espírito bandeirante trazido pelos professores pesquisadores da UEMT/UFMS.

8 Deusa romana da boa e da má sorte, que serviu de inspiração a Nicolau Maquiavel para criar o binômio Virtù e Fortuna.

Em Corumbá emergiu um personagem de maior destaque desta trama: Valmir Batista Corrêa. Qual foi o motivo do seu destaque entre os demais? Porque ele foi o primeiro professor com os requisitos que hoje podem ser utilizados para se identificar um historiador: uma vez na Universidade, produziu pesquisas, mesmo com parco apoio institucional, e publicou os resultados em revistas e em anais de eventos acadêmicos; foi idealizador e criador do Serviço de Documentação e Pesquisa – uma espécie de arquivo histórico –; o primeiro mestre e o primeiro doutor em História da UEMT – que se tornou UFMS após a criação do estado de Mato Grosso do Sul –, membro da diretoria da ANPUH, e possuía talvez a maior biblioteca especializada em história regional sul-mato-grossense. Para alguns, ele foi um prodígio, um historiador ativo, inventivo. Como isso foi possível?

Para a atuação de Valmir Corrêa na Universidade, duas imagens icônicas lhe deram proteção e motivação, tomando a forma de tutores e de colaboradores. O tutor aqui possui o significado de um agente que ocupa uma posição de destaque na escala de poder, e que por conta disso, pode facilitar certas coisas ao sujeito. Valmir foi o único historiador sul-mato-grossense do período analisado a possuir tutores, mas isso não significa que ele tivesse que prestar sempre a mesma vassalagem para retribuir o apadrinhamento, apesar de ter de se submeter às normas para não romper a rede de interdependência que o sustentava. Aqui se vê o tema do personalismo, típico da nossa cultura política,⁹ em face do apadrinhamento. Talvez a tendência do personalismo tenha sido a de perder força, no período de nossa história mais recente, à medida que era sobreposto pela burocracia, quando regras, mais ou menos bem definidas, diminuem as possibilidades de interferência dos indivíduos, embora não perca a sua importância. Nesse raciocínio, é possível observar a tutoria institucional, proporcionada por Salomão Baruki, diretor do Centro Pedagógico de Corumbá/CPC e vice-reitor da UEMT, a Valmir Corrêa e a outras pessoas. Salomão já foi o segundo nome mais poderoso da Instituição, logo após o reitor João Pereira da Rosa, que ficou no cargo por cerca de oito anos. A outra tutoria, embora breve, foi a de Maurício Tragtenberg, uma referência na historiografia marxista, que orientou Valmir a se deslocar a Corumbá e, uma vez na fronteira, a dirigir-se à pesquisa em arquivos da cidade. Quem descontraidamente narrou o “empurrão” para a pesquisa histórica de Valmir foi sua esposa, a professora Lúcia Salsa Corrêa:

E a gente não tinha essa fundamentação teórica, igual as outras que escolheram uma linha, nada disso. Eu acho, quem induziu muito a tua pesquisa foi o Maurício Tragtenberg, que ele falou: – Valmir, já que você

9 Para Rodrigo Motta, a cultura política brasileira pende para a “tendência à conciliação e à acomodação, estratégia utilizada para evitar conflitos agudos, e o personalismo, entendido como prática arraigada de privilegiar laços e fidelidades pessoais em detrimento de normas universais”. De modo geral, o termo cultura política brasileira parece absorver os pressupostos do “homem cordial”, um conceito de tipo ideal, cunhado por Sérgio Buarque de Holanda. MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 13.

vai para lá, vasculha os jornais de lá, e faça uma história da imprensa local. Foi uma ideia do Maurício, e o Valmir foi, bem comportadinho, foi lá vasculhar jornais e aí ele começou a se interessar.¹⁰

Valmir Corrêa chegou em Corumbá devido a acontecimentos e informações trazidas por uma rede de amizades. Uma pessoa fez a ponte para o trânsito das informações de Mato Grosso para São Paulo: Elza Nadai, futura referência na área de ensino de História, que havia lecionado em Corumbá em 1970; no ano seguinte, teria comunicado a Maurício Tragtenberg a necessidade do CPC de professores formados, para trabalharem no curso de História; e este avisou Valmir sobre a oportunidade. Esses acontecimentos, positivos, por assim dizer, foram precedidos de outros, negativos, pelos quais se observa o temperamento da Fortuna. Durante a graduação, Valmir havia tido problemas com a repressão por atuar no movimento estudantil, e ainda havia se indisposto com uma professora, o que teria atrasado a conclusão do seu curso, segundo Valmir, limitando oportunidade de emprego na própria PUC. Rugas em São Paulo, mudança para o sertão mato-grossense. A história de Mato Grosso está repleta desses exemplos!

Em Corumbá, a pessoa que ditava quem poderia trabalhar na Universidade era Salomão Baruki. Naquele tempo, possuir um professor devidamente formado para o posto de trabalho desejado era mais importante do que a afinidade ideológica; além do mais, essa preocupação Salomão não precisaria ter com Valmir Corrêa, pois os militares da Marinha em Corumbá fariam isso de bom grado. Quem exemplifica é o próprio personagem:

Eu morava no Hotel Ruas, e a polícia sempre entrava lá, no meu quarto. Aí um dia, sumiram com minha agenda. Aí eu cheguei lá fora puto da vida! Falei com o seu Ruas: – seu Ruas é o seguinte! – [Ruas:] O senhor fique calmo. – [Valmir:] Não fico calmo porra nenhuma! eu quero! eu vou dar aula, na volta eu quero a minha agenda aqui, porque senão, eu vou fazer um escândalo na porta, vou gritar até! Você sabe que quando eu voltei estava em cima da minha cama. Eles vigiavam a gente. Uma vez eles me convidaram para almoçar na Marinha, eu fui né.¹¹

As formas de proteção que agraciaram Valmir Corrêa possibilitaram-no iniciar o curso de mestrado em História Econômica na USP – com menos de três anos de casa – , cujos créditos foram feitos em 1974 e, em 1976, tornou-se o primeiro mestre em História da UEMT. As condições para o seu afastamento rumo à pós-graduação não foram boas – mas, diga-se de passagem, ruim com elas, pior sem elas: Valmir afasta-se

10 ENTREVISTA Valmir Batista Corrêa; Lúcia Salsa Corrêa (áudio digital). Produção: Tiago Alinor Hoissa Benfica; Eudes Fernando Leite. Cidade: Campo Grande, MS. 23 de setembro de 2011. 2 h 16 min.

11 Idem.

das atividades de ensino recebendo metade do seu salário para cumprir os créditos, e com a garantia de que o emprego estava assegurado quando retornasse a Corumbá. Mas Valmir não foi sozinho: em 1972, havia se casado com Lúcia Salsa, e no enxoval havia uma vaga de emprego no CPC, sendo que ambos se afastaram para o mestrado, no mesmo ano. Lúcia demorou o dobro de tempo do que Valmir para concluir o mestrado, sem apoio financeiro da Universidade, e mais tempo ainda para obter o título de doutorado; mesmo assim, ela é uma pioneira da região na pesquisa histórica.

O aparecimento do pioneiro na pesquisa histórica acadêmica ocorreu mediante o entrecruzamento de duas forças: um projeto intelectual, racional, dirigido para ascender, profissionalmente, mediante os esforços na produção historiográfica, e uma necessidade afetiva, passional, que influenciava as escolhas do indivíduo. Com Lúcia, Valmir obteve uma parceira intelectual, com quem compartilhava leituras, opiniões, revisões de textos, visitas em arquivos, e também proporcionou reforço na esfera do poder institucional:

Eu [Lúcia] era coordenadora [do curso]; quando não era eu era ele [Valmir]. Quando não era um de nós dois era alguma pessoa ligada a gente. Então a gente induzia para que a História Regional não acabasse. A gente induziu uma série de coisas. E por isso eu acho que a gente provocou muita aversão, que às vezes a gente pisava duro. Bobagem! Não tinha necessidade. Hoje eu acho que não tinha necessidade! [risos]¹².

Em muitos momentos, é possível ver Apolo e Dionísio intercedendo juntos nessa trama.¹³ E, na história intelectual, por força da herança iluminista, a afetividade do sujeito parece ter menos importância do que as ideias que ele representa, e ainda paira “a crença consoladora de que os seres humanos, não apenas como indivíduos, mas também como grupos, que, normalmente, agem de maneira racional, conserva, ainda, uma intensa força na percepção das relações intergrupais”.¹⁴

As interações que se expressavam na sociabilidade animavam a vontade de poder na Universidade, antes da invenção da plataforma Lattes, que acabou por canalizar parte dessas disputas para a publicação acadêmica. Na década abordada, não havia consenso entre os próprios professores, de que a UEMT deveria financiar trabalhos que levassem para o “culto à pesquisa erudita e desinteressada”, tal como realizada em universidades da região Sudeste erudição ou à ciência “desinteressada”¹⁵. A pesquisa era vista mais como um capital simbólico do que um conhecimento para múltiplos

12 ENTREVISTA Valmir Batista Corrêa; Lúcia Salsa Corrêa (áudio digital). Op. cit.

13 NIETZSCHE, Friedrich W. O nascimento da tragédia. São Paulo: Editora Escala, 2007 [1886].

14 ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro; Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 36.

15 ROIZ, Diogo da Silva. Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Curitiba: Appris, 2012, p. 77.

consumos; era um desejo expresso de o protagonista ser reconhecido, uma vontade de poder, que passava pelo desdobramento de um projeto intelectual, e de afirmação institucional. Isso ficou sintetizado na abertura de um campo de pesquisas, chamado de História Regional. Entretanto, este projeto não estava bem claro na mente dos personagens, ao contrário do que se costuma encontrar nas histórias de “teoria da conspiração”, conforme as palavras de Valmir Corrêa:

Projeto projeto acho que não tinha não. Eu acho que foi acontecendo. Primeiro, essa minha vertente para estudar, que eu não sabia que era história regional. (...) E aquilo foi me envolvendo até um ponto que um cara deve ter me xingado: – pô, você faz história regional! Eu não tinha me atentado para isso, a gente não usava esse termo.¹⁶

A configuração de um projeto intelectual, a afirmação em um espaço de poder, só foi possível com a utilização de instrumentos apolíneos, o conhecimento técnico que contém em um livro de história, a seriedade da pesquisa documental e o domínio teórico de certas linhas interpretativas. Aí entrava a pesquisa bruta, o rastrear para explorar as fontes históricas disponíveis, inicialmente, com o objetivo de entender a realidade local. O termo história regional é também um jogo das escalas de identidade, pois conhecer a realidade local, essa vontade iluminista de compreender o real para nele interferir, dá-se na relação entre o nós e o “outro”:

[Valmir] eu brincava em sala de aula: – como é que está escrito aí no livro, os bandeirantes... – Ah, os bandeirantes foram para o Mato Grosso. Eu falei: – não! Eles não foram, eles vieram [risos]. A gente começou a ter esse tipo de preocupação (...) olhar do sertão para o litoral.¹⁷

Dentro ou fora da Universidade, a afetividade influenciava a vida profissional. Percebe-se mesmo um amálgama entre a identidade pessoal e a profissional em muitos professores universitários da área de ciências humanas. Neste caso, os laços afetivos, na vida privada, davam a Valmir um local para desejar retornar após o trabalho, ou mesmo, certo estímulo para prosseguir a vida intelectual em casa¹⁸, e o orgulho de constituir uma família, ao responder, positivamente, às pressões sobre a necessidade da reprodução biológica e social. Valmir pôde, então, deleitar-se nos riscos do combate, da conquista de mando, na identificação da virtude com o poder. Esse raciocínio leva em conta que, após a conclusão do doutorado de Valmir, em 1982, ele se elege vereador

16 ENTREVISTA Valmir Batista Corrêa; Lúcia Salsa Corrêa (áudio digital). Op. cit.

17 Idem.

18 Um elemento da identidade dos agentes do campo histórico é a aquisição de livros durante a carreira, muitos deles chegaram a formar uma abastada biblioteca. A constituição de uma biblioteca, ainda hoje, se dá na residência do professor – o escritório particular, extensão de seu local de trabalho. Alguns agentes tomaram-se verdadeiros bibliófilos, o que confere orgulho à identidade profissional.

em Corumbá, ou seja, ultrapassa as especulações teóricas e parte para a prática do discurso político. Obviamente que essa ascensão teve seus limites, e também atraiu olhares pouco amistosos.

Outra figura importante no contexto de atuação de Valmir Corrêa é a do professor Gilberto Luiz Alves. Formado em Pedagogia, suas leituras e a sociabilidade na docência conduziram-no para a História da Educação de inspiração marxista; torna-se referência nos campos da história e da educação. Gilberto foi o *ghost-writer* de Salomão Baruki, uma curiosa relação de protocooperação entre uma liderança identificada com a direita, o Diretor do CPC, e intelectuais de esquerda, que se auto identificam como socialistas. Intelectuais desse tipo também costumam compartilhar certa motivação para o engajamento político, um discurso militante, muitas vezes, que carrega certa passionalidade. No caso do trio de Corumbá, a afetividade gerou uma relação de compadrio. Localizar essa parceria não é difícil, pois os rastros são muitos: artigos escritos em parceria, membro de corpo editorial de revistas e de bancas de defesa na pós-graduação, organização de eventos. Por esses motivos, pode-se dizer que o núcleo historiográfico de Mato Grosso do Sul esteve em Corumbá até a década de 1990, quando então há um deslocamento nas relações de poder: de um lado, a criação do mestrado em Educação, em Campo Grande, curiosamente sincronizado com a defesa do trabalho de doutorado de Gilberto Luiz Alves, mais a mudança de Valmir Corrêa para a capital do Estado, e, de outro lado, as negociações para a criação do mestrado em História, que se efetivou no campus de Dourados, em 1999, passando a atrair e a congregar o maior grupo de historiadores de alta titulação em História de Mato Grosso do Sul.

Em diversas entrevistas realizadas, constata-se a importância dos eventos e encontros acadêmicos para a dinamização do campo histórico. Os eventos serviam para a divulgação de trabalhos de pesquisa, assim como para o estabelecimento de laços de amizade e socialização profissional. No processo de formação do campo histórico, mais do que um projeto planejado, racional, a afetividade mesclava-se à inclinação pessoal ao conhecimento histórico, atraía e incentivava discussões para a expansão do campo, que, primeiramente, passava pelo fortalecimento da própria Instituição, tal como evidenciado por Valmir Corrêa:

Primeiro, há uma relação de amizade. Não é profissional não, é de amizade. A gente começa [inaudível] para formar um grupo, não era de História, era um grupo avançado na Universidade, de pessoal que queria avançar a própria Universidade, através da pesquisa. Então a gente começa a ter relações com o pessoal dos outros Centros, e aí que a gente começa a amadurecer. Por exemplo, nesse encontro de Pesquisa Histórica em Cuiabá em [1973]¹⁹, lá estava a Joana Neves, a Dorothea também de

19 O primeiro evento para a discussão da história no estado partiu da Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso, chamado de 1o Simpósio Estadual de Pesquisa Histórica, ocorrido em Cuiabá, de 5 a 14 de abril de 1973. Ironicamente, o Simpósio teve apenas uma edição.

Aquidauana.²⁰

A confluência de forças intelectuais e afetivas também está bem viva nas memórias dos contemporâneos da Universidade em Aquidauana. O segundo lugar de prestígio entre os Centros Pedagógicos para o campo histórico, até meados da década de 1970, era o Centro Pedagógico de Aquidauana/CPA. Isso se deu por causa da sua força institucional, concentrada na figura da diretora, Dóris Mendes Trindade, e na de políticos de Aquidauana, então acessíveis à diretoria. Guardada as devidas proporções, Dóris Mendes Trindade era “a Salomão” de Aquidauana, uma vez que esses dois diretores eram “da terra”, e também pode ser considerada uma tutora, guardadas certas proporções, claro.

A diferença básica das ações entre os dois era que o de Corumbá era mais político, ou seja, tinha maiores pretensões de poder institucional; já Dóris, enquanto esteve trabalhando, tinha um projeto mais intelectual ou mais voltado à educação em geral, sem se descuidar da necessidade de articulação institucional no sistema educacional. Membro do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso, criado em 1963, Dóris chegou a fazer mestrado em Letras, tendo concluído os créditos, mas uma doença lhe ceifou as forças e, abruptamente, foi obrigada a interromper todas as atividades profissionais.

Dóris Trindade conseguiu atrair para a criação dos cursos de Letras e de Estudos Sociais de Aquidauana os melhores professores que a UEMT chegou a ter para a implantação dos cursos de licenciatura. Nos Estudos Sociais, à frente estava sua amiga, colega docente da escola e de projetos intelectuais, oriunda do Serviço de Ensino Vocacional/SEV de São Paulo, a professora Joana Neves. A experiência de Joana em sala de aula havia sido adquirida enquanto professora de escola experimental, e não de universidade. Mas foi justamente isso o que animou o único Centro Pedagógico que possuía, claramente, um projeto educacional no início de suas atividades, para o qual foi transplantado os métodos ativos, o estudo do meio, a marca dos Ginásios Vocacionais. A ideia era fazer da pesquisa um instrumento didático, utilizando-se de indagações como ponto de partida, tendo como centralidade questões da “realidade” local, para daí iniciar a busca das informações para a compreensão de uma realidade mais ampla.

Tão forte era a motivação do corpo docente e a crença no progresso, praticamente uma profissão de fé, o de conhecer a realidade para daí promover mudanças, que o CPA teve o primeiro espaço criado para exercer a função de arquivo de fontes históricas, a chamada *Seção de Obras Raras* da biblioteca do Centro Pedagógico, em 1972. Em termos de historiografia, o material coletado estimulou a escolha do objeto da dissertação de mestrado de Joana Neves, e também a ideia de escrever um livro sobre

20 ENTREVISTA Valmir Batista Corrêa; Lúcia Salsa Corrêa (áudio digital). Op. cit.

história regional, a primeira iniciativa do gênero achada no sul de Mato Grosso, embora não tenha sido levada a cabo.

O núcleo dos professores da primeira geração do quadro docente do Centro Pedagógico de Aquidauana foi formado pelos professores do município, que eram graduados e pelos “paulistas”, no processo de fechamento dos Ginásios Vocacionais pela repressão dos militares. No mesmo contexto que estava Joana Neves, veio do Vocacional a professora Dorothea Beisegel, também da área de História. De forma sarcástica, até parece que a repressão dos “anos de chumbo” favoreceu a educação em Mato Grosso, pois o estado era também espaço para refúgio, de novas esperanças para aqueles que houberam problemas com a Lei, em um local em que professor formado era raro, logo, um sujeito distinto e reconhecido, se não na mesma medida que as expectativas econômicas, pelo menos, simbolicamente.

As primeiras turmas do CPA eram bastante empolgadas, pois muitos alunos eram professores leigos e a relação entre professores e alunos dava-se em nível pessoal, dentro e fora da sala de aula. Os alunos se empenharam nas propostas de seus mestres, o que se verifica no desenvolvimento de atividades de pesquisa e de extensão, com o objetivo de dinamizar a cultura local. Se, no caso da pesquisa, poder-se-ia pensar em certa concorrência, embora não intencional, entre Corumbá e Aquidauana, por conta da dinâmica dos agentes institucionais e de projetos intelectuais, no que diz respeito às atividades de extensão, o CPA se destacava dos demais.

A protagonista do campo histórico em Aquidauana, Joana Neves, parecia ser “hiperativa”, pois ela participava, também, das atividades de extensão – embora haja registros de que a mesma reclamava, por serem realizadas essas atividades, quase que de modo voluntário, o que poderia esvanecer as energias dos professores junto às de pesquisas –; desenvolvia pesquisas para consumo nas atividades da própria docência e outras para serem apresentadas à comunidade acadêmica, atividades administrativas, escrita de textos didáticos e envolvimento institucional. Uma obra de fôlego, iniciada em Aquidauana, foi a escrita de uma coleção didática de Estudos Sociais, publicada em 1979, que contou com a colaboração de Suria Abucarma, para a área de Geografia, e foi coordenada por Elza Nadai. Joana e Elza foram colegas na graduação e no Serviço de Ensino Vocacional; não eram só parceiras intelectuais, eram amigas.

A criação da Seção de Obras Raras, que servia para triar e preservar material a ser disponibilizado à pesquisa, parece ter partida de Joana Neves. No entanto, não bastavam as boas ideias, era necessário o meio para executá-las. Isso quem garantia era Dóris Trindade que, por ter sido professora do município, conhecida e bem-vista pela sociedade aquidauanense, com seu carisma e talentosa nas relações políticas locais, conseguia arremeter colaboradores para apoiar os projetos em que a mesma se envolvia. Assim, Dóris apontava o “caminho das pedras” para o financiamento de projetos e ainda motivava a comunidade acadêmica para as investidas na expansão da

educação. Durante a década de 1970, a Universidade foi sendo aparelhada institucionalmente, isto é, burocraticamente. Durante esse tempo, quando a frieza do papel já não era suficiente, a influência de Dóris no meio político era acionada. O projeto de implantação da Universidade em Aquidauana ainda se beneficiou do fato de os dois governadores do Mato Grosso, que estavam no poder durante a fase de criação e implantação da UEMT, serem da região sul e um deles tinha residência em Aquidauana. Em 1970, o então governador, engenheiro Pedro Pedrossian, desejoso de manter cordialidade com seu sucessor, o advogado aquidauanense José Manuel Fontanilla Fragelli, contemplou a cidade com a criação do Centro Pedagógico. As negociações foram intermediadas pelo então prefeito, Fernando Lucarelli, e por outros membros da localidade que tinham acesso e mantinham relações pessoais com indivíduos influentes na esfera do poder político estadual, mas a tarefa de viabilizar o funcionamento da Universidade em Aquidauana foi confiada à Dóris.²¹

Pode-se até criticar a utilização de mecanismos personalistas da nossa cultura política com relação ao contexto aqui narrado, mas, muitas vezes, era utilizar-se disso ou ficar sem a coisa desejada. Por exemplo, Joana Neves deslocou-se para Aquidauana a convite de Dóris Trindade. Joana, professora recém-efetivada no estado de São Paulo, conseguiu afastar-se da Secretaria de Educação de São Paulo e continuar recebendo o salário de professora daquele estado. Para isso, foi necessário recorrer às autoridades do alto escalão do governo de Mato Grosso: “para poder ser contratada por outra instituição estadual eu fui afastada por ato do governador – era uma espécie de deferência que o governador de São Paulo fazia para seu colega do Mato Grosso – e, o que foi muito bom SEM prejuízo dos vencimentos”.²² Uma vez bloqueada essa “gentileza”, e vendo ameaçada a disponibilidade do cargo, Joana preferiu deixar Aquidauana e retornar a São Paulo; o que parece estar de acordo com o pensamento “feminista” de Dóris: “nem só de pão vive o homem (...) mas a mulher também vive de pão”²³.

O fato de Dóris Trindade deixar a direção do CPA para iniciar o tratamento de saúde, e o seu retorno às atividades distanciar-se cada vez mais, foi importante para deixar de motivar a permanência de Joana Neves em Aquidauana. Após as duas primeiras turmas do CPA, houve ainda uma mudança no perfil dos alunos, menos inclinado a se contagiar pela energia dos seus mestres, o que passou a ser, de certa forma, um elemento de desconforto. Daí vemos a afetividade tomando parte no *habitus* do intelectual: Joana não constituiu nova família em Aquidauana, e sua família sanguínea permaneceu em São Paulo; sua outra grande amiga, Elza Nadai, após uma breve experiência em Corumbá, fazia carreira na USP; Dóris Trindade estava fora de

21 ENTREVISTA Joana Neves (áudio digital). Produção: Tiago Alinor Hoissa Benfica. Cidade: Aquidauana, MS. 13 de outubro de 2014. 3h.

22 Correspondência Eletrônica, Joana Neves, 2014.

23 TRINDADE, Dóris Mendes. “Literatura e Pão” O Pantaneiro. [Aquidauana-MT]. 4 de agosto de 1965.

combate, em 1976, quando decide se mudar.

Nessa história que enfoca os personagens, muitas vezes a afetividade foi decisiva na trajetória dos intelectuais, capaz de transformar as ideias em motivação para a elaboração de projetos. Por exemplo, no CPA, a professora Joana Neves foi braço-direito de Dóris Trindade para arremeter os primeiros professores e para substituí-la na Direção. O esforço dispendido na busca por essas recordações é capaz de orientar o sujeito, no presente, pelos labirintos da memória, lastreado pela sensibilidade:

O CPA foi uma semente, lançada aqui, e hoje nós estamos a sombra da frondosa árvore que essa semente produziu. (...) E quem plantou essa semente foi a Dóris, que tinha o dedo verde. Você já leu *O menino do dedo verde*? As pessoas que tem o dedo verde são aquelas que tudo que elas plantam, pegam. (...) A Dóris tinha o dedo mais verde que eu conheci. Ela plantou essa árvore, e deu, na verdade, não digo uma floresta, quase que um bosque. (...) E eu morro de saudade dela. Foi embora muito cedo. De uma certa forma, a minha história é marcada pela morte das minhas amigas (...) Morte cedo! Precoce! Todo mundo terá a vida marcada pela morte de amigos, mas eles não deviam morrer tão cedo.²⁴

A carga emotiva exprime, neste caso, uma falta: e nela “se entrecruzam a dimensão intelectual e a dimensão afetiva do esforço de recordação”²⁵.

Outra grande parceira intelectual de Joana Neves foi Elza Nadai: era um trio de comadres. Joana mencionou que se aposentou em 1995, logo após a morte de Elza Nadai. Para aquele ano, planejavam, juntas, viajar para a China. Portanto, nesse caso especial, a trajetória de Joana, como professora universitária, foi iniciada e simbolicamente encerrada pelas suas duas referências afetivas e parceiras intelectuais: Dóris Trindade e Elza Nadai.

Projetos que se voltavam à produção e à reprodução do campo histórico e às disputas das condições institucionais são, comumente, encobertas pelo discurso racional. Em muitos casos, para o professor se instalar e permanecer nas unidades da UEMT/UFMS, foi determinante a sensibilidade do intelectual que, certamente, negociava para si a própria satisfação emocional com seus projetos intelectuais e, em alguns casos, projetos políticos, com seus colegas e também seus alunos.

Por outro lado, a sensibilidade estava exposta às vicissitudes das configurações sociais. Contra o risco de as boas ideias ficarem restritas ao seu tempo, mesmo podendo vir a diminuir as ações espontâneas, alguns projetos são institucionalizados e acabam, em certa medida, por diminuir os traços do personalismo, elemento este, intrínseco ao campo histórico. Outros projetos acabaram por sucumbir, após a figuração social

24 ENTREVISTA Joana Neves (áudio digital). Produção: Tiago Alinor Hoissa Benfica. Cidade: Aquidauana, MS. 16 de outubro de 2014[b]. 1h 35min.

25 RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 48.

apresentar mudanças, alterando o equilíbrio de poder entre os sujeitos. Isso é exemplificado pelo fechamento da Seção de Obras Raras e também pelo Serviço de Documentação e Pesquisa, justamente onde o campo histórico floresceu, prematuramente, no sul do antigo Mato Grosso – Aquidauana e Corumbá.

As relações afetivas dos intelectuais em processo de formação foram úteis para agrupar as pessoas e também para delas se diferenciar, o que poderia ocorrer nas acaloradas discussões, nas disputas acerca do entendimento de teorias “científicas” e também pelo poder institucional. Sob o ponto de vista do *processo civilizador*²⁶, a necessidade do controle das emoções para corresponder às exigências de pacificação social é cada vez maior, o que se refletia na Universidade; ao menos aparentemente, as figurações profissionais tornam-se mais regradas e mais “frias”, com o passar dos anos. Portanto, antes das regras na Universidade estarem mais bem estabelecidas, as relações de interdependência entre os sujeitos concordantes e discordantes eram mais “quentes”, conflituosas, personalizadas e mais sensíveis.

Em Dourados e em Três Lagoas, os diretores dos Centros Pedagógicos não eram “da terra”. A nomeação deles foi resultado das forças políticas locais, e em Dourados, a Universidade foi mais o resultado da velha política do que de um projeto educacional²⁷; embora isso tenha se convertido em capital para a expansão da mesma. No ano de 1974, foi convidado a lecionar em Dourados e se fixou na cidade o professor Wilson Biasotto. Jovem, solteiro, ele se enturmou com os professores da “colônia paulista” e formaram uma república, uma moradia de professores, um tanto quanto subversiva para os padrões da época. Dentre os colegas, os que mais tinham gosto pela história eram os professores Jose Sanfelice e Antonio Lachi. Este último veio a Dourados no mesmo contexto e condição que Biasotto, e foram colegas no trabalho e na pós-graduação. A formação de Sanfelice foi em Pedagogia, mas ele desenvolveu trabalhos historiográficos e tornou-se referência nacional, após ser demitido do CPC, junto com Biasotto e Lachi. A demissão, no início de 1978, ocorreu por terem eles se manifestado contra a política do diretor do Centro Pedagógico, Milton José de Paula. Por qual motivo? Os professores citados acusaram o diretor de malversação do dinheiro destinado aos professores que trabalharam nos cursos de licenciatura curta parcelada, ou seja, corrupção.

A demissão dos professores foi escandalosa, porque eram os três únicos do quadro docente do curso de Estudos Sociais que estavam no mestrado, mesmo com o minguido apoio financeiro da Instituição. Com a demissão, Antonio Lachi e Wilson Biasotto interromperam o trabalho do mestrado, mas não voltaram para São Paulo, ao contrário de Jose Sanfelice. Por quê? Ambos inseriram-se na sociedade local, fizeram

26 ELIAS, Norbert. O processo civilizador, volume I: uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

27 Em Dourados, desde a década de 1960, os políticos locais almejavam a criação do curso de Agronomia para atender a demanda por crescimento econômico local. Em termos do “ideal” educacional que os políticos locais esboçavam, os cursos de História ou de Estudos Sociais iriam contribuir na reprodução de mão de obra docente, que iria formar o aluno da escola para este se encaminhar ao vestibular, para tentar uma vaga no curso de Agronomia. Dessa forma, tanto o curso de História quanto o de Estudos Sociais tinham um papel marginal no projeto de educação, totalmente voltado ao mercado de trabalho, focado nas áreas industriais do conhecimento.

amigos que lhes possibilitaram outros meios de sustento: Lachi acumulou mais aulas nas escolas de 1º e 2º graus, e Biasotto adentrou à política, como assessor do vereador Sultan Rasslan. Outro ponto importante: casaram, estavam constituindo família. Mais uma vez aí está a afetividade, assunto esse, muitas vezes, oculto na intelectualidade, que proporciona sociabilidade, essa relação corpo a corpo que os seres humanos fazem, sempre que possível, em um jogo de interdependência. Quando Lachi e Biasotto foram reintegrados à Universidade, os trabalhos de escrita das dissertações puderam ser retomados e rapidamente concluídos. Na década de 1980, o professor Wilson Biasotto empoderar-se-ia institucionalmente, participando da ampliação do espaço institucional do campo histórico, realizando pesquisas, e se envolvendo com a política universitária e partidária. Biasotto e Lachi foram os únicos da primeira geração do corpo docente do curso de História de Dourados, e que permaneceram na cidade, a obter o título de doutor em História.

Já o Centro Pedagógico de Três Lagoas, que iniciou as atividades com o maior número de cursos quando comparado aos demais Centros Pedagógicos, ficou quase estagnado durante a existência da UEMT. Os professores, como foi o caso de Germano Molinari Filho, preferiam residir no oeste do estado de São Paulo, divisa com o atual Mato Grosso do Sul. A vida afetiva e a sociabilidade eram pouco estimuladas em Três Lagoas, o que não motivava o dispêndio de energias dos agentes para a abertura de novos espaços para o campo histórico. Essa situação irá começar a se reverter na década de 1980, com a implantação da UFMS e a contratação de novos professores, mais bem titulados.

Poucos professores do CPL se interessavam em fixar residência na cidade, uma vez que o mercado de trabalho de São Paulo oferecia melhor remuneração do que o de Mato Grosso. Um exemplo é a trajetória do professor Germano Molinari: contratado pela UEMT em 1974, mudou-se para Três Lagoas apenas em 1979, após ser eleito diretor do Centro Universitário de Três Lagoas²⁸: “eu vim porque achava que era injusto você ser diretor da Unidade e estar ausente da cidade”²⁹. Uma vez que o diretor do campus pertencia ao curso de História, pequenas barganhas poderiam ser solicitadas, voltadas à pesquisa histórica.

No processo de afirmação dos agentes do campo histórico, as atividades de pesquisa mostraram ser a principal forma de reconhecimento no próprio campo e um capital para investidas na esfera institucional. Os alunos, objetos para a reprodução de mão de obra, podem passar pela universidade, e, ao longo do tempo, podem se tornar apenas números na burocracia institucional quando fora da memória dos contemporâneos; já a pesquisa é do professor, e ela é cumulativa no currículo. Para

28 Com a federalização da UEMT, e a conseqüente criação da UFMS, os Centros Pedagógicos mudaram a nomenclatura para Centros Universitários.

29 ENTREVISTA Germano Molinari Filho (áudio digital). Produção: Tiago Alinor Hoissa Benfica. Cidade: Três Lagoas, MS. 25 de novembro de 2013. 2h.

solidificar as iniciativas em pesquisa, havia a necessidade da criação de espaços para exibir o resultado dos investimentos intelectuais. Com esse objetivo, cada Centro Pedagógico criou a sua revista para a divulgação de trabalhos dos seus professores. A quantidade de revistas editadas proporciona visualizar a propagação das atividades de pesquisa na Universidade e é indício do status que cada Centro Pedagógico havia conseguido. A revista *Dimensão*, do Centro Pedagógico de Corumbá, teve 5 edições (1971-1977); a revista *Textos*, do Centro Pedagógico de Dourados, teve 3 (1975-1977); a revistas *Veredas*, do Centro Pedagógico de Três Lagoas, e a *Pantaneira*, do Centro Pedagógico de Aquidauana, tiveram apenas uma edição (ambas em 1976).

A mais modesta das revistas dos Centros Pedagógicos foi a *Veredas*. A única edição da revista *Pantaneira* na década de 1970 coincidiu com o momento em que Joana Neves se articulava para deixar Aquidauana. Com a criação da UFMS, as publicações de trabalhos de professores e alunos foram concentradas na *Revista Científica*, que era publicada em Campo Grande.

Na década de 1980, com a implantação da UFMS, houve a padronização dos currículos dos cursos da Universidade. A partir daí, os campi do interior diminuem o isolamento que, se não fosse pela burocracia da UEMT, poderiam ter sido identificados como institutos isolados de ensino. O maior contato entre os professores de História gerou novos projetos, intelectuais e institucionais, e outras tensões nas disputas pelo poder dentro da Universidade entre professores dos cursos de História ou de outros cursos.

Esse esforço de “fazer ciência” era parte da ideologia militante do período, e a história que se dizia científica estava permeada por uma vontade política junto à crença de que o conhecimento sistematizado da história pode modificar práticas sociais. Na década de 1970, parece ter havido uma crença difusa na capacidade de argumentação do conhecimento científico em produzir consenso, que ia das grandes universidades para as da periferia do país. Esse tipo de crença aparece muitas vezes quando se busca conferir à história uma pragmática ou uma instrumentalização. Naquela época, acreditava-se que o professor de História seria um dos agentes responsáveis pela elevação cultural da população, combatente às ideologias autoritárias, e promotor de um indivíduo consciente e autocentrado na sua responsabilidade de cidadão. Os elementos de crença muitas vezes são os responsáveis por legitimar a vontade de poder e assegurar motivação, que está mais para a esfera da sensibilidade do que à razão.

Considerações finais

O campo histórico na região sul do antigo estado de Mato Grosso foi aberto por professores provenientes do estado de São Paulo – ao menos de formação acadêmica. Alguns deles preferiram voltar para o seu estado de origem; outros se identificaram com as relações locais e alguns fizeram carreira como professor pesquisador; em jogo estavam as formas de satisfação, de reconhecimento, que o sujeito buscava para si.

A vontade de poder manifestada pelos agentes mais dinâmicos do campo histórico esteve, muitas vezes, disfarçada pelo rótulo da ciência, e para pertencer ao círculo da ciência havia-se de ser pesquisador, mesmo na História. Acreditando que os textos que eram produzidos ou que circulavam nas universidades de referência era a manifestação da ciência, deles se retiravam o respaldo teórico e ideológico que alimentava um discurso combativo ou progressista, que tinha nas teorias marxistas sua principal fonte interpretativa para as ciências sociais. Mas a pretensa racionalidade da historiografia pouco mostra a cultura que envolvia o autor.

Para desenvolver uma pesquisa extensa, o professor universitário, na década de 1970, precisava obter apoio institucional, e isso, muitas vezes, foi obtido por meio de relações de sociabilidade que incluíam práticas personalistas. Neste ponto, observa-se que o sujeito, inventivo, necessitava de pontos de apoio que motivassem à ação no campo histórico. Em alguns momentos esses aspectos foram encontrados na Fortuna do próprio contexto histórico, como, por exemplo, ações repressivas e modernizadoras da ditadura militar, que estimularam jovens professores a buscar “refúgio” no Mato Grosso e que, para o campo da pesquisa e o da educação, direcionaram seus esforços.

Os projetos intelectuais que os agentes do campo histórico desenvolveram foram possíveis por estarem inseridos em uma interdependência com professores menos dinâmicos, com relação à pesquisa histórica, pois os cursos precisavam continuar funcionando quando os professores se afastavam para a pós-graduação. Ou seja, precisava-se de certo consentimento dos colegas para que alguns docentes conseguissem deles se diferenciar, uma vez que a maior parte não chegou a fazer o curso de mestrado, pois preferiam os cursos de especialização, mais acessíveis à época.

Ao longo do texto, observa-se que a identidade do intelectual era construída à medida que as necessidades afetivas eram atendidas, componente importante para criar e motivar a busca e a viabilidade de projetos intelectuais, atrelados à pesquisa. Os agentes do campo buscavam estreitar relações com aqueles que mais lhes favoreciam, e nesse bojo observa-se a importância da sociabilidade, da amizade, das redes de compadrio. E esse tipo de amálgama, entre as identidades pessoal e profissional, é observável nos professores universitários de História.

Os termos poder, vontade, sociabilidade e afetividade possuem elementos homólogos em seus significados, porque não se restringem a nenhum tipo de

imperativo categórico, a uma orientação única. Situando-se o sujeito no âmbito das relações sociais daquele contexto, torna-se lícito o aproveitamento dos mecanismos personalistas da cultura política de nosso país,³⁰ pois se tratava de jogos de interesse, com a personalidade de cada sujeito estimulando a sensibilidade dos outros.

Os vínculos afetivos e a sociabilidade chegavam a ser decisivos para manter o interesse dos protagonistas em dar continuidade à sua trajetória no interior de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. Na trajetória dos historiadores analisados, a constituição de família e de redes de sociabilidade profissional e afetiva contribuiu para o surgimento do sentimento de pertencimento e para a fixação do professor na região. Portanto, o intelectual não apareceu em nenhum momento isolado, mas sim inserido em uma figuração que dava suporte e gerava uma expectativa para a identidade profissional,³¹ dentro e fora da universidade.

O produto do historiador, a pesquisa publicada, também era uma espécie de capital simbólico para ele. O que o autor buscava era ter a sua autoridade reconhecida, ou seja, poder influenciar, orientar os sentidos do outro. Destacaram-se, no período estudado, as pesquisas que investigaram temas cujas fontes estavam próximas ao alcance do historiador, e assim nasceu a história regional, durante o período de consolidação do campo histórico sul-mato-grossense. Nesse processo, uma força maior, ou vontade, estava no enalço dos professores de História, quase uma profissão de fé: conhecer criticamente a realidade para promover a mudança social, respaldada pelo discurso científico. Bons tempos, aqueles, em que a história era uma ciência!

Recebido em 22 de janeiro de 2017.

Aprovado em 03 de julho de 2017.

30 MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar. Op. cit.

31 A interdependência entre os sujeitos é melhor expressa na seguinte citação: “a auto-imagem e a auto-estima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele” (ELIAS; SCOTSON, 2000).